

Antropoceno e o COVID-19: Uma era de integração ou de controle da Natureza?

Luiz Fernando de Novaes Vianna ¹

¹Pesquisador da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – Epagri, Santa Catarina, Brasil. (*Autor correspondente: vianna@epagri.sc.gov.br)

Histórico do Artigo: Submetido em: 14/04/2020 – Revisado em: 15/04/2020 – Aceito em: 15/04/2020

RESUMO

A pandemia causada pelo COVID-19 trouxe à luz uma reflexão sobre o Antropoceno e sua máxima de controle da Natureza através do conhecimento e da ciência. Nesse artigo trago uma reflexão sobre até que ponto o *Homo sapiens* é realmente uma espécie capaz de controlar a Natureza ou apenas faz parte de uma complexa teia ecossistêmica que possui seus próprios mecanismos de autorregulação. A discussão sobre isso discorre através de duas percepções de escala temporal, uma que está relacionada à escala ecossistêmica de evolução das espécies e outra em escala de indivíduos e gerações. O artigo não pretende chegar a uma conclusão, mas questionar até que ponto a ciência atual e a máxima do Antropoceno estão mesmo habilitadas para um controle sobre a vida no Planeta. A atual situação que estamos vivendo, imposta pela pandemia, apresenta uma série de indicativos para essa discussão.

Palavras-Chaves: Pandemia, Ecologia Profunda, Abordagem ecossistêmica.

Anthropocene and COVID-19: An era of integration or control of Nature?

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic brought a reflection on the Anthropocene and its belief of controlling Nature through knowledge and science. In this article I bring a reflection on the extent to which *Homo sapiens* is really a species capable of controlling Nature or is he just part of a complex ecosystem web that has its own mechanisms of self-regulation. The discussion occurs through two perceptions of the temporal scale, one that is related to the ecosystemic scale of evolution of the species and the other in the scale of individuals and generations. The article does not intend to reach a conclusion, but question if the current science and the precepts of the Anthropocene are really enabled for a control over life on the Planet. The current situation we are experiencing, imposed by the pandemic, presents a series of indications for this discussion.

Keywords: Pandemic, Deep Ecology, Ecosystem approach.

Antropoceno é considerada a era da soberania humana e da crença no controle de tudo através do conhecimento. A grande aceleração apresentada por McNeil e Engelke (2016) como principal descritor da era que denominaram Antropoceno traz consigo a necessidade de uma profunda reflexão sobre como o homem contemporâneo percebe o planeta Terra. O prefixo “antropo” atribuído ao nome de uma nova era já demonstra uma tendência egocêntrica que permite ao ser humano associar, de forma linear, causas e efeitos de suas ações como se fossem algo externo ao natural. Harari (2015, 2016) descreve o Antropoceno como a era de transição entre o homem integrado à Natureza e mergulhado em mistérios regidos pela crença e pela espiritualidade e o homem detentor das respostas que lhe conferem controle sobre essa mesma Natureza, através da ciência, através da sapiência.

Histórica e cientificamente, o Antropoceno está profundamente ligado à revolução industrial, ao crescimento do uso de combustíveis fósseis e ao aumento significativo da população humana em detrimento

das demais espécies do planeta. Mas sob um olhar antropológico, a era atual pode estar associada também ao processo de domesticação de plantas e animais, a partir da evolução da agricultura e da pecuária. Em ambos os casos falta adicionar uma perspectiva ecológica profunda (Naess, 1989). O surgimento de uma era não pode ser avaliado sem compreender a teia da vida, tecida por complexas interações que envolvem não só matéria e energia, mas também informação (Capra, 1996). E aqui cabe uma questão que ainda não está clara: em que momento o homem deixou de ser parte da complexa teia que compõe a Natureza e passou a ter controle sobre ela?

Se considerarmos que uma ave ao comer um fruto e transportar as suas sementes por quilômetros é um agente natural de dispersão, com um papel ecológico fundamental na distribuição geográfica de determinadas plantas, por que uma espécie transportada de um continente ao outro pelo homem, em águas de lastro de navios ou para ornamentar um jardim, devem ser consideradas espécies invasoras? O homem, apesar da sua ciência e sabedoria, não é apenas um agente dispersor? A consciência realmente nos diferencia como espécie e nos autoriza a tentar controlar a vida?

As respostas a essas perguntas precisam de uma reflexão sobre a escala temporal utilizada na interpretação dos fatos. O tempo das espécies é diferente do tempo dos indivíduos. As espécies surgem se diferenciam, se adaptam e são extintas em escala de tempo geológico. Os indivíduos nascem, crescem, se reproduzem e morrem em escala de gerações. O homem avalia os fatos na escala das gerações. Mesmo que a ciência conte com disciplinas e métodos que permitem estudar fósseis, testemunhos e marcas históricas em escala geológica, a ciência atual só possui dados abundantes para uma análise complexa em escala de gerações. Nossa percepção científica dos fenômenos complexos observados e mensurados até hoje, está em escala de gerações. Por isso nos utilizamos dos agrotóxicos, dos combustíveis fósseis, das vacinas e dos antibióticos, acreditando que com eles conseguimos controlar pragas, produzir e nos movimentar infinitamente e nos proteger das doenças microbiológicas. Mas a crença nesse controle está limitada à escala de gerações. As implicações dessas escolhas em escala de tempo geológico estão longe da nossa capacidade de previsão, estão fora do nosso controle.

Para controlar a Natureza, considerando-se externo a ela, o homem começou a combatê-la. A primeira interpretação filosófica da teoria da evolução das espécies criou um estereótipo evolucionista de competição, de uma seleção natural onde os mais fortes ou mais adaptados prevalecem, transmitindo seus genes adiante e evoluindo sua espécie. Poucos atentaram para a complexa rede de cooperação que permite a esses mais adaptados coevoluir com os demais. E essa é a base da nossa economia e dos valores sociais que carregamos. Esse modelo, baseado na ideia de controle através da eliminação daquilo que nos prejudica e da valorização excessiva dos supérfluos que nos anestesiavam existencialmente, em escala de gerações, ignora e até mesmo nega o que estamos fazendo, conscientemente, com a vida na Terra.

Hoje estamos vivendo as consequências das nossas escolhas como controladores. O trabalho de Bar-On, et. al. (2018) revelou estatísticas que demonstram como estamos desfazendo a teia da vida, transformando-a em uma “monocultura” humana. Os mamíferos correspondem a aproximadamente 0,36% da biomassa Terrestre. De todos os mamíferos existentes no planeta, 96% são humanos e animais domesticados. Gado bovino e porcos correspondem a 60%, 36% são humanos e restam apenas 4% dos mamíferos selvagens. Os bandos de aves em revoada que costumamos assistir nos belos documentários sobre natureza são quadros raros pintados por cinegrafistas perseverantes. Apenas 30% das aves no planeta são selvagens, enquanto 70% são galináceos e outras aves para consumo humano. A destruição dos habitats naturais para expansão agrícola, industrial e urbana resultaram no início do que os cientistas chamam de sexta extinção em massa da vida na terra em quatro bilhões de anos do planeta. Acredita-se que cerca de metade dos animais da terra tenha sido perdida nos últimos 50 anos. Desde o início do controle humano da Natureza, 83% dos mamíferos terrestres desapareceram, junto com eles foram 80% dos mamíferos aquáticos, 50% das plantas e 15% dos peixes.

Esses números revelam que na escala de gerações o homem alterou significativamente a dinâmica ecossistêmica do planeta, resta saber se isso é um processo natural ou não, e quais as suas consequências para as próximas gerações e para o ecossistema.

Apesar da supremacia humana entre os mamíferos, em termos de biomassa global as proporções se diferem. Os vegetais superiores predominam com 82% da biomassa planetária. Os microrganismos (bactérias, cianobactérias, microalgas e vírus) representam 14,7%, os fungos 3% e os animais 0,3% da biomassa (Bar-On et. al., 2018).

Em uma escala de gerações, a espécie humana vem se tornando predominante entre os consumidores do topo da teia trófica, mas ainda se mantém como uma porção pequena da biomassa planetária. Nos resta saber como esse predomínio se sustentará em termos ecossistêmicos. A experiência agrícola em áreas de monocultura vem nos ensinando que quanto mais intensivo é o cultivo, mais vulnerável ele fica e mais insumos são necessários para mantê-lo. Naturalmente os indivíduos que compõem um monocultivo são submetidos a processos de redução da sua população, seja por falta de nutrientes ou por ataque de pragas. Os monocultivos são uma oportunidade para as espécies que necessitam de um hospedeiro específico se proliferarem (Carson, 2010). A atual composição de espécies animais no planeta sugere a conformação de uma “monocultura” humana, que é a base para a proliferação das espécies que nos têm como hospedeiros.

A pandemia que nesse momento assola a humanidade através do COVID-19 é um processo natural. Analisando-a em uma escala geológica podemos interpretar como um controle natural do equilíbrio ecossistêmico, eliminando o excesso de indivíduos de uma espécie através do ambiente propício criado pelo excedente de hospedeiros capazes de favorecer a proliferação do vírus. Algo semelhante ao que ocorre com o ataque das pragas nas monoculturas. Por outro lado, na escala de gerações, o vírus descobriu um novo hospedeiro que lhe permite rápida disseminação espacial e favorece a troca de hospedeiros de forma extremamente fácil e rápida. Mas esse ambiente propício ao vírus não perdurará, pois ele escolheu hospedar os controladores da Natureza, que em pouco tempo criarão remédios e vacinas contra ele, além de sofrer com a imunidade natural que surgirá nos próximos meses.

A capacidade humana de impor condições de mudanças em determinados processos biológicos nos dá uma falsa sensação de controle. Essa mesma capacidade nos permite traçar diferentes cenários em relação ao futuro que queremos. Podemos continuar buscando o controle total da Natureza, baseado na nossa escala de gerações, ou utilizar nossa capacidade em um processo de reintegração à complexa teia que é regida pela cooperação intra e inter-espécies.

Se realmente a espécie humana faz parte teia da vida, que está sendo modificada de forma acelerada através de um processo natural, temos que aceitar a nossa incapacidade de controle sobre a Natureza e nos permitir coexistir em cooperação com todas as espécies. Mas se acreditamos que somos capazes e responsáveis por controlar a vida, devemos fazer uma autocrítica profunda sobre o caminho que estamos trilhando.

Referências

Bar-On, Y. M., Phillips, R., & Milo, R. (2018) The biomass distribution on Earth. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, 115(25), 6506–6511. <https://doi.org/10.1073/pnas.1711842115>

Capra, Fritjof. (1996). **The Web of Life: A New Scientific Understanding of Living Systems**. New York: Anchor Books.

Carson, R. (2010). *Primavera Silenciosa*. 1ed. São Paulo: Gaia.

Harari, Yuval N. (2015). *Sapiens: a Brief History of Humankind*. New York: Harper.

Harari, Yuval N. (2016). **Homo Deus: A Brief History of Tomorrow**. Chicago.

McNeill, J.R. & Engelke, Peter. (2014). **The Great Acceleration: An Environmental History of the Anthropocene since 1945**. The Belknap Press of Harvard University.

Næss, A. & Rothenberg, D. (1989). **Ecology, community and lifestyle: outline of an ecosophy**. Cambridge: Cambridge University Press.

Informações adicionais

Como referenciar este artigo: Vianna, L. F. de N. (2020). Antropoceno e o COVID-19: Uma era de integração ou de controle da Natureza? **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, v.8, n.1, p.114-117.



Direitos do Autor. A Revista Brasileira de Meio Ambiente utiliza a licença Creative Commons - CC Atribuição Não Comercial 4.0 CC-BY-NC (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>), no qual, os artigos podem ser compartilhados desde que o devido crédito seja aplicado de forma integral ao autor (es) e não seja usado para fins comerciais.